

TEMOS DE FALAR SOBRE ISSO. ALICE VIEIRA, ESCRITORA

# “Não sei o que um filho sente por uma mãe”

Os *Armários da Noite* é o título da mais recente obra de Alice Vieira. Desta vez as crianças cederam o lugar a uma poesia biográfica, feita de esperas, partidas, ausências e desencontros. A escritora confessa que se sente exposta

JOSÉ FIALHO GOUVEIA

Deixe-me começar pegando num excerto de um dos poemas do livro: “(...) onde há sempre o rasto feroz de/ uma madrugada de março que/ nunca serei capaz de perdoar.” Pode confessar que madrugadas de março são estas que aparecem mencionadas em várias passagens?

Nasci numa noite de março, em Lisboa, numa casa que fica diante do Jardim Constantino. Claro que não me recordo de nada, mas esses primeiros tempos foram uma fase muito complicada da minha vida. Era uma bebé com apenas 15 dias quando os seus pais a entregaram a outra família.

Exatamente. Por isso, passar ali, naquela zona, é sempre uma coisa complicada, sinto mesmo um mal-estar físico. Nunca entendi as razões dos meus pais. E, talvez para evitar conflitos, nunca lhes perguntei. Às vezes, quando falo com os meus irmãos, questiono-nos por que razão nunca tivemos coragem de perguntar o porquê à nossa mãe e ao nosso pai. Com os seus irmãos aconteceu a mesma coisa que consigo?

Sim, mas andámos sempre em famílias diferentes. A minha mãe tinha as crianças, fazia o seu dever para com o mundo e depois alguém que tratasse delas. Não tinha qualquer instinto maternal. Hoje as coisas estão muito mais sanadas, mas houve momentos em que me custou muito. Sei exatamente o que uma mãe sente por um filho, porque sou mãe, mas não sei o que um filho sente por uma mãe.

Nunca senti absolutamente nada pela minha mãe e isso deu-me muitos problemas. Cheguei a pensar que devia ser uma filha horrível por não ter sentido nada quando ela morreu.

Em que momentos lhe dá para escrever poesia?

É estranho porque a poesia não tem nada que ver com o resto. Com os outros livros sei que tenho de os entregar no dia tal e fico em frente ao computador as horas que forem necessárias até acabar o que tenho de fazer. Com a poesia não posso fazer isso. Vem de repente. Às vezes estou a trabalhar noutra coisa e aparece-me um verso, ou uma frase, e tenho de parar para escrever. É a única coisa que não escrevo ao computador.

Consegue perceber porquê?

Não, até porque nem uma carta consigo escrever à mão. Quando vou para fora levo sempre muitos cadernos e tomo muitas notas, mas mesmo que tenha um livro em andamento não

sou capaz de o continuar num caderno. Não me sai nada. Na poesia é completamente diferente. Só à mão é que as coisas nascem. E tem de ser com uma caneta de aparo, de tinta permanente preta. “Os quartos de hotel são a/ minha pátria (...) / às vezes roubo as bíblias e deixo/ romances e mensagens nas gavetas.” Rouba bíblias? Roubo, mas só roubo quando não levo a minha. Preciso muito de ler a Bíblia e não consigo ler – qualquer que seja o livro – sem sublinhar e sem fazer anotações, e depois não me parece bem deixar aquilo assim para o cliente seguinte. Mas sim, é um pecado que

“É um pecado que tenho de confessar: roubo as bíblias dos quartos de hotel”



“Às vezes é bom abrir o armário para deixar sair os esqueletos”

tenho de confessar: roubo as bíblias dos quartos de hotel. E deixa recados dentro das gavetas?

Às vezes deixo. Uma vez, em França, ficámos num hotel no meio do nada, deixei ficar um textinho, assinei e pus morada. Mais tarde recebi uma carta de alguém que tinha ido para aquele quarto e que

tinha achado muita graça à mensagem. Às vezes faço isso e fico à espera de respostas.

Espera, ausência, partida, morte, desencontro. Estas foram as palavras que mais vezes me vieram à cabeça durante a leitura do livro. Sim, os poemas são no fundo sobre isso. As pessoas dizem que é um livro duro e de facto é.

Sente-se muito exposta?

Sinto. E não gosto de ouvir pessoas a ler os meus poemas. Dá-me um pouco a ideia de que estão a olhar pelo buraco da fechadura. Claro que não estão, porque a porta está aberta e fui eu que a abri. Se não quisesse que lessem não tinha publicado. É engraçado porque se quem ler for alguém ligado ao teatro, ou que habitualmente diz poesia, não sinto tanto isso, mas se for um leitor normal já mexe comigo.

Quando o leitor está a ler em casa não faz ideia de que ele está a ler...

Sim, mas se por alguma razão estiver a ler em voz alta ao pé de mim aflije-me um bocadinho.

Vejam-me nua desde que eu não veja que me estão a ver.

Exatamente. O vizinho da frente pode ver tudo desde que eu não saiba. Mas se souber que ele está a olhar eu tapo-me. Claro que se eu aparecer nua à janela é provável que ele me veja.

A epígrafe do livro é de Nuno Júdice: “(...) não convém abrir os armários da noite/ mesmo que as sombras nos peçam/ o que está dentro deles.” Foi difícil abri-los?

É sempre difícil vermo-nos confrontados com coisas que estavam guardadas e que pensávamos que já estavam esquecidas. Mas às vezes é preciso fazer isso. Esse confronto é importante para a nossa sanidade mental.

A esse propósito, deixe-me pegar, mais uma vez, num excerto de um poema seu: “(...) como adivinhar então que um dia seria capaz/ de entender que esta dor/ não iria durar sempre (...)”

Sim, apesar de tudo, felizmente, continuamos a nossa vida. A dor continua cá, mas de uma outra maneira que já não magoa tanto. E às vezes é bom abrir o armário e deixar sair os esqueletos e os fantasmas.

Casa das Hortênsias

Casa de Repouso

Proporcionamos um ambiente familiar com animação sociocultural. Temos assistência médica, de enfermagem, fisioterapia e socióloga. Um edifício inteiro com quartos individuais e duplos, várias salas e jardim, com pessoal especializado 24 horas por dia.

Rua Vale do Pereiro, 14 - 1250 LISBOA  
Próximo do Largo do Rato | Tel.: 213 815 410